

TECNOLOGIA DO MOSAICO: POSIÇÕES DE SUJEITO DISPONIBILIZADAS PELOS CURRÍCULOS DO MST

MOSAIC TECHNOLOGY: SUBJECT POSITIONS AVAILABLE BY MST CURRICULUMS

Vândiner Ribeiro¹
Marlucy Alves Paraíso²

RESUMO

Apresenta-se aqui a *tecnologia do mosaico*. Ela caracteriza-se por disponibilizar posições de sujeito de linhas fluidas, com infinitas possibilidades de contorno, mas que vez ou outra tenta aprisionar tais posições, em contornos demandados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por discursos de campos diversos. O argumento desenvolvido é o de que no currículo da nomeada escola diferente do MST aciona-se a tecnologia do mosaico disponibilizando diversas posições de sujeito que são importantes para a divulgação da escola diferente do MST. Essa tecnologia, por meio das técnicas da coletividade e do campesinamento coloca em funcionamento práticas e exercícios que disponibilizam modos de ser, de agir e de pensar às/aos Sem Terra. Tem-se como aporte teórico os estudos de Michel Foucault, como base metodológica procedimentos da etnografia, como a convivência cotidiana com o grupo investigado, anotações em diário de campo e entrevistas e elementos da análise do discurso de inspiração foucaultiana para as análises das informações. A fluidez da tecnologia do mosaico mostra que as posições de sujeito disponibilizadas nos currículos investigados podem ser flutuantes, justapostas e constantemente recriadas. Há, assim, um processo de criação de si que disponibiliza um modo particular de ser Sem Terra e de ser do campo, um modo de particular de compreender e estar no mundo, de maneira que as pessoas que vivem no campo acabam negociando a sua própria existência.

Palavras-chave: Currículo. Educação do campo. MST. Posição de sujeito. Escola.

ABSTRACT

Here is presented the mosaic technology. It is characterized by providing subject positions of fluid lines, with infinite possibilities of contouring, but

1 Professora adjunta no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: vandiner@gmail.com

2 Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Doutora em Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mparaíso@fae.ufmg.br

that sometimes tries to imprison such positions in contours demanded by the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) and by discourses of several fields. The argument developed here is that in the curriculum of the so-called different MST's school the mosaic technology is activated by providing various subject positions that are important for the diffusion of the different MST's school. This technology, through the techniques of collectivity and campesinamento start up practices and exercises that provide ways of being, acting and thinking to the Sem Terra. Michel Foucault's studies were used as a theoretical basis, as a methodological basis for ethnographic procedures, such as daily living with the investigated group, field diary annotations and interviews, and elements of Foucault's discourse analysis for the analysis of information. The fluidity of mosaic technology shows that the subject positions available in the researched curricula can be floating, juxtaposed and constantly recreated. There is thus a process of self-creation that provides a particular way of being Sem Terra and being of the countryside, a particular way of understanding and being in the world, so people that living in the countryside end up negotiating their own existence.

Keywords: Curriculum. Field Education. MST. Subject Positions. School.

CRIAÇÃO DE UM MOSAICO

Um mosaico com texturas, formas, cores e tamanhos diversos está se formando! Ele tem por regra não fixar as partes em uma estrutura. Ao contrário, suas partes se movimentam, trocam de posição, se recompõem formando infinitos contornos. No rearranjo das peças pode-se ver uma variedade de posições de sujeito sendo construídas, que se desenham diferentemente de acordo com a organização de certas peças. Posições de sujeito são aqui entendidas como posições discursivas "que literalmente constroem o sujeito, na mesma operação em que lhe atribuem um lugar discursivo" (LARROSA, 2002, p. 66).

É no jogo das peças desse mosaico que utiliza como superfície os currículos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que desenvolvemos as análises aqui apresentadas. Este texto resulta do recorte de uma tese de doutorado que investiga as posições de sujeito disponibilizadas em currículos do MST, especialmente de uma escola de um acampamento e de um assentamento no estado Minas Gerais. Tem como aporte teórico os estudos de Michel Foucault e como base metodológica elementos da etnografia, como a convivência cotidiana por um ano letivo³ com o grupo investigado e entrevistas.

3 A autora Vândiner Ribeiro viveu um ano letivo com o grupo pesquisado.

As diversas peças do mosaico com suas infinitas formas que constituem o currículo da nomeada *escola diferente* do MST são disponibilizadas por discursos de campos diversos, que inventam maneiras para ordená-las, marcas para caracterizá-las, posições para defini-las. Diferentemente das escolas rurais que silenciam e negam as culturas camponesas, essa escola diferente potencializa situações de luta e expressa não somente o desejo de produzir certo tipo de sujeito Sem Terra, de ensinar conteúdos diferentes, de ter uma metodologia diferente, mas, sobretudo, reitera e divulga uma “*subjetividade lutadora*”⁴ que tem marcas da solidariedade, do companheirismo e da coletividade. Ela está sendo produzida ao se criar outro modo de vida, outro modo de compreender o mundo, a sociedade e de se relacionar com as pessoas.

O argumento aqui desenvolvido é o de que no currículo da escola diferente do MST aciona-se a *tecnologia do mosaico* disponibilizando diversas posições de sujeito que são importantes para a divulgação da escola diferente do MST. Essa tecnologia, por meio das técnicas da coletividade e do camponamento, coloca em funcionamento práticas e exercícios que disponibilizam modos de ser, de agir e de pensar às/aos Sem Terra.

A tecnologia do mosaico caracteriza-se por disponibilizar posições de sujeito de linhas fluidas, com infinitas possibilidades de contorno, mas que vez ou outra tenta aprisionar tais posições, em contornos demandados pelo MST. Além disso, essa tecnologia brinca com a organização das peças que disponibiliza, divulgando a possibilidade de se assumir ora uma posição, ora outra. Pode-se ainda assumir todas ao mesmo tempo, duas ou três, talvez mais, ou simplesmente nenhuma. Diante de tamanha elasticidade, nos aventuramos a mostrar possíveis criações que constituem algumas posições que circulam no currículo da escola diferente do MST.

Ao analisar as peças disponibilizadas pelo currículo da escola diferente percebemos que algumas combinações foram sendo feitas no dia a dia das práticas curriculares da sala de aula, mas também no cotidiano do acampamento e do assentamento investigados. As demandas foram sendo produzidas em uma rede diversa de discursos (políticos, midiáticos, escolares, ambientais, agroecológicos etc) que disponibilizam modos de ser e entender o mundo. Ao nomear certas posições de sujeito que vimos produzidas nesse mosaico, torna-se

4 Ver Ribeiro (2013).

necessário esclarecer que não estaremos fixando-as, mas apenas mostrando características disponibilizadas e demandas que lhes são peculiares.

LINHAS QUE SE CRUZAM: INTERSEÇÕES QUE PRODUZEM A POSIÇÃO DE SUJEITO COLETIVO

Uma negra é campezina? Um estudante é Sem Teto? Uma catadora de lixo é lésbica? Um Sem Terra é negro? Um estudante é gay? E? Um Sem Teto é negro e catador de lixo? E...? Como definir que esses sujeitos fazem parte de um movimento social? Movimento Negro, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto ou Movimento LGBT? Uma infinidade de movimentos sociais, que lutam por causas distintas, proliferam-se na contemporaneidade. Essas causas, no entanto, ainda que tenham um ponto de interesse que una as pessoas, parecem ser atravessadas por outras causas continuamente. Os movimentos sociais podem ser compreendidos como “ações coletivas de caráter sociopolítico. [...] Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas” (GOHN, 1995, p. 44). Os discursos dos diferentes movimentos sociais disponibilizam variadas posições de sujeito, que não são necessariamente ocupadas separadamente por cada indivíduo.

A concomitância de posições de sujeito é mais comum do que usualmente se espera, ou até se deseja a um membro de um movimento social. Nesse contexto, as posições de sujeito evidenciam uma heterogeneidade de possibilidades e essa “nunca é um princípio de exclusão, [...] nunca impede nem a coexistência, nem a junção, nem a conexão” (FOUCAULT, 2008, p. 58). Os discursos que aí se movimentam são constituídos justamente pela coexistência de posições de sujeito. O discurso é assim, um “campo de regularidade para diversas posições de subjetividade [...], [é] um conjunto de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2005, p. 61).

Independente das causas a que se afiliam e do espaço territorial que ocupam uma questão peculiar aos movimentos sociais é a coletividade. Referir-se no plural é marca importante do pensamento coletivo, como se pode ver nas narrativas que seguem:

Somos trabalhadores, pais de família e estamos lutando pelos nossos direitos. Não podemos mais morar na rua ou de aluguel, disse Silva⁵.

[...] Esse momento é de fundamental importância para decidirmos nossos rumos [...] (grifos nossos).

O plural destacado na citação é respaldado pela ideia de coletivo. No entanto, mais que agrupar as pessoas em uma causa, os movimentos sociais disponibilizam, na superfície do seu mosaico, determinadas peças que acabam por criar distintas possibilidades de *figuras*, de posições de sujeito, que atendam aos seus interesses. Dentre as possíveis combinações disponibilizadas, a demanda por uma posição de sujeito coletivo parece das mais óbvias. Ela não é exclusiva de um movimento social, mas dentro de cada um deles, ela se constituirá distintamente, pois “somos constituídas/os pelos diferentes textos a que temos contato, pelas diferentes experiências que vivenciamos” (PARAÍSO, 2006, p. 4). Então, uma única posição de sujeito pode assumir muitas nuances, ainda que possuam certas marcas que a caracterize.

Sabendo-se que no discurso do MST sobre a escola diferente é indispensável que as/os Sem Terra ajam coletivamente, é na justaposição das peças do mosaico que se pode ver marcas da posição de sujeito coletivo sendo ordenadas. Ressaltamos que apesar de o currículo escolar ser a centralidade das análises aqui apresentadas, ele não está sozinho na disponibilização das peças do mosaico, pois narrativas demonstram que outros espaços curriculares do MST (reuniões do MST, ocupações de terras, organização dos assentamentos e acampamentos) também vêm sendo utilizados, pois, o sujeito “Sem Terra é formado [também] na luta pela terra. No dia a dia do acampamento [por isso] nós chamamos o Movimento de ‘Movimento educador do povo’” (Tânia⁷, diário de campo - DC, 2010).

A tecnologia do mosaico aciona a técnica da coletividade na qual demandam-se práticas que incitam a produção da posição de sujeito coletivo. As técnicas de dominação e as técnicas do eu estão em funcionamento na composição do mosaico. Dificilmente, de

5 Disponível em: <<http://www.diariopopular.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?id=6¬icia=33837>> Acesso: 13 out./2011.

6 Disponível em: <<http://tamboresdosmontes.blogspot.com/2010/06/movimento-negro-organizado.html>> Acesso: 13 out./2011.

7 Os nomes dos sujeitos da pesquisa são fictícios.

acordo com Foucault (1997), conseguiremos encontrar essas técnicas de maneira dissociada. Isso implica atentar para a interação na qual “os pontos em que as tecnologias de dominação dos indivíduos uns sobre os outros recorrem a processos pelos quais o indivíduo age sobre si mesmo e, em contrapartida, os pontos em que as técnicas do eu são integradas em estruturas de coerção” (FOUCAULT, 1993, p. 207).

Tanto as técnicas de dominação como as técnicas do eu assumem nuances diversas para atender às demandas da tecnologia do mosaico. Aqui, ao menos duas táticas se afiguram nessa produção: a *tática da unificação do grupo* que tem como objetivo criar a posição de sujeito Sem Terra e a *tática anti-individualista*, que investe na reflexão de atos individualistas que devem ser banidos porque vão contra a coletividade. As duas táticas têm vários pontos de interseção e complementariedade. A tática da unificação se diferencia da tática anti-individualista por ter como seu interesse primeiro o fortalecimento do movimento social, nomeado MST e é marcada pela construção de processos de subjetivação que demandam condutas comuns ao grupo, por isso divulga-se no discurso do MST que: “sozinhos não vamos a lugar nenhum. Só no grupo que a gente se fortalece” (Tânia, DC, 2010). Para que a maquinaria coletiva funcione, práticas que regulam o comportamento e modos de organização coletiva, são exigidas, como no relato: “Qualquer assunto para ser decidido, ninguém decide por ninguém, nem sozinho” (Márcia, DC, 2010).

As pessoas são convocadas, dessa forma, a se responsabilizar, não apenas por suas ações, mas também pelas dos outros ao decidir “qualquer assunto” coletivamente. Além disso, a organização do grupo é tomada como peculiar às/aos Sem Terra, demandando-se que estas/es assumam “não uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir para produzir” (LARROSA, 2002, p. 55). Tais práticas que buscam a coletividade a partir da tática da unificação impelem o sujeito a refletir sobre seus modos de vida.

Assim, é possível que o sujeito se reconheça como Sem Terra quando o discurso lhe coloca determinadas demandas, e disponibiliza marcas. Isso porque não basta não ter terra, é preciso acolher as regras daquele grupo como suas. Destaca-se que o discurso do MST nomeia Sem Terra quem é membro do MST e, não apenas, uma pessoa qualquer que não tem terra. Essa distinção é marca

fundamental para a constituição do grupo, pois à posição de sujeito Sem Terra demanda-se sentir-se parte.

“Eu me nomeio Sem Terra. Sou sempre Sem Terra. As pessoas falam assim: - Você não é sem-terra hoje mais não! Eu sou Sem Terra de honra. Porque é um estilo, né? Uma identidade [...]. Sempre vou me sentir Sem Terra em qualquer lugar” (Márcia, DC, 2010).

A posição de sujeito Sem Terra é assumida por quem participa das atividades do MST, esteja nas coordenações, nas brigadas ou acampamentos. Para que se constitua um sujeito *merecedor* de ser chamado de Sem Terra, ele terá de efetuar sobre si mesmo algumas operações que o façam sentir-se parte do MST, como se “lutador do povo, solidário e companheiro” (Fragmentos-DC, 2010). Essas características demandadas no discurso no MST são reiteradamente enunciadas, como se divulga nas palavras de uma Sem Terra: “a luta não é individual, temos que carregar esse nome até que todos um dia tenham terra” (Márcia, DC, 2010). Ao disponibilizar tais marcas, se está constituindo a posição de sujeito coletivo.

Repetidamente ensina-se no currículo do MST que as/os Sem Terra devem se manter na luta pela terra ainda que já a tenham conquistado. Com isso, o grupo se mantém unificado. A enunciação de que “enquanto existir uma família que precisa ser assentada e ainda sem-terra a gente continua com esse nome de Sem Terra, porque a gente é assentado hoje, mas luta é por um resultado maior que é fazer de fato a Reforma Agrária acontecer” (Fábio, DC, 2010), mostra a prática da solidariedade sendo ativada. Pressupõe-se que uma/um Sem Terra não carrega esse nome sem levar com ela/e o compromisso coletivo. Por isso, o currículo do MST demanda uma conduta que está estabelecida na formação que o Movimento propõe: “o de formar sujeitos comprometidos com seus objetivos e princípios, um sujeito comprometido com a Reforma Agrária, com a construção de um projeto popular” (Maria, DC, 2010). Aqui, mais uma vez as táticas da unificação e anti-individualista se aproximam. Logo, a reforma agrária, uma luta coletiva, une o grupo em uma causa comum. Agir coletivamente, no entanto, não garante a participação em um dado movimento social, o que demanda de seus membros convergir os esforços a um mesmo fim, com certas regras de conduta.

A tática anti-individualista demanda a prática da solidariedade. Tal tática ativa as técnicas de si, que agem “sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformaram-se a eles próprios” (FOUCAULT, 1993, p. 207), em pessoas melhores. Em consonância, demandam-se nos currículos investigados “práticas para construir um ser humano com valores bacanas” (Maria, DC, 2010), como diz uma professora. Assim, o discurso da solidariedade disponibiliza, ainda, narrativas do tipo:

“Eu acho que é o sentimento da luta [...] que me faz ser sempre Sem Terra. Tem tanta gente sem-terra no Brasil, né, que a gente se sente irmão. Ah, eu tenho minha terra né, e quantas pessoas ainda não tem? [...]” (Márcia, DC, 2010).

A tecnologia do mosaico coloca, desse jeito, a tática anti-individualista atuando em complementaridade à tática de unificação. Se a última demanda o sentimento de pertencimento, sendo as ações coletivas fundamentais, por sua vez, a primeira não permite que se pense apenas em si. Logo, por meio da técnica da coletividade, divulga-se que o individualismo não é algo bom, por isso a prática da solidariedade se torna cara. Dessa forma, quaisquer atos individualistas são logo desprezados pela técnica da coletividade. Essa técnica opera na atuação nacional do Movimento, quando se divulga, por exemplo, que: o MST “promove nesta semana mais uma jornada nacional de lutas, com manifestações em todo o país”⁸; “Desde 1994, buscamos desenvolver os Encontros Sem Terrinha nos estados onde estamos organizados. [...] Neste ano, 15 estados realizarão encontros estaduais e regionais, reunindo mais de 12 mil crianças em todo o Brasil”⁹. A estratégia de criar laços entre grupos ligados pela mesma causa, mas separados geograficamente é uma estratégia de governo que pretende governar uma coletividade mais abrangente. Ainda que se saiba que “nunca se governa um território” (FOUCAULT, 2008, p. 164), talvez se possa dizer, de forma análoga e metafórica, que as pessoas são governadas indiretamente, “na medida em que também estão embarcadas no navio” (FOUCAULT, 2008, p. 164).

8 Disponível em: <<http://alainet.org/active/19857&lang=es>> Acesso: 29 jun. 2011.

9 Disponível em: <<http://www.mst.org.br/jornada-sem-terrinha-2010>> Acesso: 29 jun. 2011.

A técnica da coletividade multiplica suas ações, atualizando-se no que diz respeito ao que se entende por causa comum. Diversos movimentos sociais e grupos organizados se unem na empreitada, por convocar à coletividade não apenas as pessoas de um determinado grupo ou movimento social. Convoca-se a participação de grupos em luta, que tenham interesses que se atravessam, não necessariamente os mesmos. Exemplo disso pode ser a Marcha Nacional da Liberdade, que aconteceu em diversas cidades brasileiras, em junho de 2011, utilizando como chamada: "Vamos tomar as ruas do Brasil". Essa Marcha foi composta por vários movimentos sociais em cerca de 41 cidades do país, unidos pelo fim da repressão policial nas diversas manifestações, sob ordens do Judiciário.

Nessa direção, as peças do mosaico que compõem as marcas da posição de sujeito de coletivo se diversificam, pois não estão restritas a um grupo, nem a um espaço geográfico. Nesse contexto, quaisquer atos considerados individualistas devem ser desprezados em prol de atos e condutas coletivas. O relacionamento com as/os outras/os e consigo mesma/o requer reflexões acerca de um desprendimento do sujeito individual por um pensamento coletivo.

Ensina-se nos currículos investigados que esse modo de ser se "aprende no MST" (Tânia, 2010). Quando se ensina que "só no coletivo é possível avançar na luta" (Antônio, DC, 2010), reiteram atributos que são solicitados às/aos Sem Terra: "ser solidário/a, companheiro/a, amigo/a, ser aquele/a que não se preocupa apenas consigo mesmo/a" (Fragmentos do DC, 2010). Por meio das táticas anti-individualista e de unificação incita-se, então, os sujeitos a pensarem as suas escolhas. Assim, ao tomar para si determinadas marcas, ao assumir certos comportamentos, os sujeitos produzem a si mesmos e o grupo. Advoga-se, por exemplo, que

"Quando a gente [uma/um Sem Terra] recebe um convite para fazer qualquer tarefa é importante para a gente, é importante para o Movimento" (Tânia, DC, 2010).

Dessa maneira, pode-se afirmar que processos de subjetivação, desenvolvidos nos currículos investigados, tanto com a tática da unificação, quanto com a tática anti-individualista atuam sobre o grupo de Sem Terra utilizando-se da prática da direção, ao divulgar,

por meio do discurso do MST, que o que é bom para o Movimento é também bom para si mesmo. A direção tem como função, nesse contexto, ligar “duas vontades de maneira que elas retem uma em relação à outra continuamente livres; de as ligarem de tal maneira que uma queira isso que quer a outra” (FOUCAULT, 2010, p. 90).

O modo de vida coletivo, ensinado nos currículos investigados objetiva, nas palavras do MST “enraizar a identidade Sem Terra, e forma[r] um determinado jeito de ser humano” (MST, 2005, p. 202). Na tecnologia do mosaico determinadas peças são validadas como as melhores e mais verdadeiras para aquele grupo, contudo, na história das práticas de subjetivação, “as verdades somente são subjetivadas se forem matrizes de ação e instrumentos válidos para que alguém se torne sujeito de ações, de modo que haja como convém, conforme exige a circunstância ou o ritual” (CANDIOTTO, 2006, p. 73).

Em síntese, demanda-se das/os Sem Terra uma forma de vida pautada em decisões coletivas. No entanto, não há garantias de que essa ou aquela posição seja formada ou assumida, ao se juntar as peças disponibilizadas por certos discursos. Dessa forma, a técnica da coletividade não dá conta de fixar linhas, ao contrário, a tecnologia do mosaico sempre vai demandar possibilidades de (re)configuração das posições de sujeito.

MISTURA DE CORES: NUANCES DA POSIÇÃO DE SUJEITO DO CAMPO

A tecnologia do mosaico disponibiliza mais posições de sujeito. Algumas peças repetidas vezes mudam de lugar assumindo outras posições, mas há também peças que insistem em permanecer onde estão. Assim, colocando uma peça aqui, outra ali, a tecnologia do mosaico vai acionando outras técnicas que produzem práticas de significação que caracterizam as/os camponesas/os, definindo como elas/es são vistas/os e como se veem. As festas juninas são exemplo de possíveis construções do que é nomeado posição de sujeito do campo, como nas enunciações:

Ô da roça! Seu Jeca Tatu! Pé vermelho, jacu, caipira!!!
É assim que chamam a gente por aí, mas não me importo... Caipira... posso até ser... da roça também.
É assim mesmo que a gente fala por aqui. [...] Nunca andei com essas roupas rasgadas ou remendadas, para dançar não! O chapéu de palha, eu até uso. É

um adereço bonito, ou não é? Sou da roça com muito orgulho! (Fragmentos do DC, 2010)

As figuras que se formam nesse mosaico definem traços que marcam a produção de certo tipo de sujeito, acionando a técnica do campesinamento. Não raras vezes, discursos de campos distintos caracterizam o sujeito do campo como: rude, com hábito e modos pouco polidos, de pouca instrução¹⁰. Os fragmentos de falas das/os Sem Terra, que caracterizam os sujeitos do campo de forma pejorativa, são reiterados por diversos discursos. As formas de falar, os modos de vestir, os gostos musicais parecem ser utilizados para caracterizar as/os campesinas/os.

No discurso literário, por exemplo, Maurício de Souza, cartunista, criou Chico Bento caracterizando-o como quem anda descalço, com roupas simples e chapéu de palha, além de falar *errado*. Vai à escola, mas não gosta de estudar. As marcas no corpo do sujeito do campo tentam defini-lo. A novela *Morde e assopra*, veiculada pela Rede Globo de TV, em 2011, apresentou uma família que morava na área rural e, o protagonista vestia sempre camisa xadrez e falava fora do padrão da língua portuguesa, assim como as/os familiares. O *site*, que falava da novela, o apresentava como o “fazendeiro caipirão”¹¹. O falar *errado* e o se vestir com roupas simples, muitas vezes com pés no chão ou botinas, ganham espaço no discurso cinematográfico, literário e televisivo colocando a técnica do campesinamento para funcionar, já que esta tem como objetivo caracterizar as pessoas do campo, criando marcas físicas, mas que também dizem respeito ao modo de ser/viver e trabalhar.

Porém, os discursos têm fissuras. No filme *Jeca Tatu*¹², de Mazaropi, o discurso cinematográfico, mesmo apresentando seu protagonista com roupas surradas e sujas, mesmo dizendo que ele é um *roceiro preguiçoso de dar dó*, apresenta a questão da reforma agrária quando Jeca vê que “seu ranchinho está ameaçado pela ganância de latifundiários sem coração”¹³. Antunes-Rocha (2010)

10 Dicionário Houaiss.

11 Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/morde-assopra-abner-tenta-fazer-as-pazes-com-julca-20110405.html>> Acesso: 19 de jul. 2011.

12 Disponível em: <[http://interfilmes.com/filme_18183_Jeca.Tatu-\(Jeca.Tatu\).html](http://interfilmes.com/filme_18183_Jeca.Tatu-(Jeca.Tatu).html)> Acesso: 15 jun. 2011.

13 Disponível em: <[http://interfilmes.com/filme_18183_Jeca.Tatu-\(Jeca.Tatu\).html](http://interfilmes.com/filme_18183_Jeca.Tatu-(Jeca.Tatu).html)> Acesso: 15 jun. 2011.

faz uma leitura do filme retirando o foco do personagem roceiro, como é chamado, e analisa a questão da posse e do uso da terra. A autora vê o personagem como alguém que expressa a simplicidade mas que, ao mesmo tempo, ao enfrentar o fazendeiro que tenta tirar suas terras, se mostra corajoso e articulador de um grupo de camponesas/os, que se organizam contra o fazendeiro. Formas de posituação do campo são associadas ao sujeito do campo, desconstruindo associações pejorativas, criando enunciações que positivam o ser do campo. Nessa linha da posituação, no discurso do MST, não raras vezes se demanda orgulho, como expresso na narrativa de um Sem Terra: "Sou da roça sim, com muito orgulho!" (Fábio, DC, 2010). Discursos que exercem mais poder sobre o campo e seus sujeitos se entrecruzam produzindo significações diversas sobre esse espaço e os povos que nele vivem.

Na disputa pela significação dos povos do campo, o discurso dos movimentos sociais do campo entra no jogo discursivo que divulga outras formas de ver, entender e caracterizar as pessoas camponesas. Afirma-se nesse discurso que os povos do campo têm valores culturais típicos, são povos de direito; sujeitos ativos; sujeitos de seu próprio destino; sujeitos de luta. (Conferência Nacional por uma Educação do Campo, 1998). Nessa caracterização, dá-se destaque às palavras típicas e especificidades. Ambas são reiteradamente utilizadas nos currículos do MST analisados. Constitui-se aí a tática da diferenciação cultural, a partir da qual se advoga que o campo tem especificidades por ter "uma realidade social, política, econômica, cultural e organizativa, complexa que incorpora diferentes espaços, formas e sujeitos" (II Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004, p. 5). Essa tática parece entrar em cena quando se ouve alguém dizendo: "eu sou do campo, eu tenho um modo de viver diferente da cidade" (Márcia, DC, 2010).

Como o discurso não é coerente, ele pode vir a ser contraditório dentro de uma mesma estratégia (FOUCAULT, 2006). Por meio da técnica do camponamento, coloca-se em funcionamento a tática da diferenciação cultural, que cria oposições entre as culturas campo e cidade. Conflitos internos são evidenciados, como manifesta a enunciação: "no acampamento cada um tem uma cultura diferente. Cada região tem a sua cultura e cada povo... [...] A gente se organiza, e, é no coletivo que vai aprendendo, na vivência, a respeitar a cultura

e a vivenciar o jeito um do outro. Um acaba educando o outro” (Tânia, DC, 2010). A afirmação da existência de *uma* cultura do campo perde forças, quando se evidencia que existe no acampamento uma multiplicidade de culturas como é dito pela Sem Terra.

O que talvez possa se afirmar é que quando “um acaba educando o outro”, outra cultura está sendo produzida. Práticas de campos discursivos diversos (educacional, literária, televisiva etc.), nesse sentido, concorrem para definir o que é bom ou ruim para a vida das/os camponesas/os, criando marcas consideradas típicas a esse grupo. Os modos de trabalho talvez sejam o que constitui o fio condutor de certa diferenciação: “a gente tem amor pela terra; a gente vive da terra” (Fragmentos do DC, 2010). Ao se vincular à terra, a/o Sem Terra está tornando esse vínculo uma convenção vinculada à nomeada cultura do campo, que se diz com um modo de trabalho diferenciado da cidade.

Queiroz (1969, p. 25) afirma a existência de uma diferenciação entre campo e cidade, dizendo que, inclusive, não há como apagá-la, “uma vez que a organização do trabalho permaneceu como uma diferenciação de base entre os dois tipos de sociedade”. Nesse processo de diferenciação que apresenta traçados muito fluidos, há ainda quem diga: “eu sou diferente das pessoas da cidade sim, mas não sei dizer em que. Mas que sou diferente sou!” (Márcia, DC, 2010).

Há fortes investimentos na nomeação da cultura camponesa. Um Sem Terra fala sobre ela: “O camponês, ele tem a sua cultura, né? [...] que às vezes não é entendido como uma cultura e sim como atraso. A nossa imagem, é mostrada na televisão de uma forma errônea. O que devemos chamar de cultura camponesa eles chamam de atraso” (Fábio, DC, nov./2010). O *fazendeiro caipirão* já mencionado é, no entanto, a imagem que usualmente se vincula à/ao camponesa/ês. Diante dessas significações, percebe-se que o discurso da mídia concorre com o discurso do MST na construção das marcas da nomeada cultura do campo.

A técnica do camponesamento é, nesse caso, acionada para funcionar em lados opostos, mas com uma mesma estratégia: a da caracterização. Na polivalência das táticas discursivas utilizadas, o discurso da mídia dá sua contribuição, contrapondo-se ao discurso do MST. Mais uma vez o mesmo Sem Terra fala de sua indignação ao modo como a/o camponesa/ês é veiculada/o pela mídia:

“Quando eles chamam a gente de caipira, não chamam de caipira no sentido de cultivar a terra. Esse laço, esse afeto, essa proximidade com o campo, com a terra, com plantação, com os animais que a gente tem, e sim no sentido de atraso. Isso é nossa cultura” (Fábio, DC, 2010).

Reiteradamente vincula-se o sujeito do campo à sua ligação com a terra, diferenciando-o do urbano, pelo seu modo de trabalho. A literatura que discute a temática também repete essa afirmação considerando que “a forma de organização do trabalho é que seria o traço distintivo entre o modo de vida exercido no campo e aquele exercido na cidade” (ROSA, FERREIRA, 2006, p. 192). A linguagem, por sua vez, funciona como mecanismo de poder valorizando ou desqualificando a nomeada cultura do campo. As relações de poder estabelecidas entre os discursos mostram a linguagem assumindo conotações diferenciadas, nas relações de poder vigentes. Quando uma/um Sem Terra diz, por exemplo, “eu sou da roça mesmo, caipira, roceiro mesmo”, está-se marcando uma diferença que serve como positivação.

Ainda que para a comunicação e a expressão dos grupos seja necessário que as partes envolvidas compartilhem e se sintam parte do contexto convencionalizado (WAGNER, 2010), “esses contextos nunca são absolutamente convencionalizados, no sentido de serem idênticos para todos aqueles que os compartilham; sempre têm pontas soltas, são incompletamente compartilhados, estão em processo de mudança” (WAGNER, 2010, p. 81). Essas pontas soltas se evidenciam quando uma Sem Terra diz que “a gente acaba incorporando, a maioria dos hábitos que estão vindo da cidade” (Helen, DC, 2010), ou ainda, quando adolescentes do acampamento que não possui internet gritam brincando, ao ver uma das autoras com um notebook: - Deixa eu ver meu e-mail? - Quero acessar meu MSN! E saem aos risos” (DC, 2010).

Apesar dos investimentos na caracterização do sujeito do campo, parece difícil afirmar que características distintivas e homogêneas possam ser nomeadas como típicas do campo ou da cidade, sem que haja sobreposição de peças. Quando se tenta criar figuras no mosaico que opõem campo e cidade, as peças não conseguem formar uma figura definitiva, pois as peças do campo

e da cidade se encaixam indistintamente em si, mesmo que, por vezes, se tente negar esses encontros.

Nesse sentido, Castells (1975, p. 62) afirma que rural e urbano "são pólos opostos de um mesmo *continuum* em cujo seio podem constatar-se, empiricamente, situações completamente diferentes e matizadas". Abramovay (2000, p. 16) completa dizendo que o "*continuum* rural-urbano significa que não existem diferenças fundamentais nos modos de vida, na organização social e na cultura, determinados por uma vinculação social". A noção de *continuum* vai ao encontro da principal marca da tecnologia do mosaico que é romper com a ideia de posições de sujeito fixas, (de)limitadas e preexistentes.

Discursos estão em disputa na composição de um conjunto de significações que objetivam produzir um jeito de ser e de viver no campo e fora dele. Delimitam-se nos discursos sobre o campo quais funções laborais campesinas/os exercem, o que é considerado bom ou ruim, saudável ou não. Há, no entanto, um apagamento das dificuldades laborais, das condições daquele trabalho. Toda uma economia de governo está sendo desenvolvida pelos discursos que falam do campo e de seus povos.

Ao nomear, caracterizar e esquadrihar a vida no campo positivamente certa atualização dos discursos pode ser marcada. Hoje, se vê o campo exaltado como lugar de bem-estar. Contudo, apesar de haver uma atualização discursiva, na qual, o campo está associado às "formas de vida social consideradas naturais, plenas de paz, simplicidade ou inocência" (SARAIVA, 2012, p. 1), isso não implicou um total deslocamento discursivo, pois o campo ainda é visto como sinônimo "de atraso e ignorância. [...] [E a] cidade (mundo urbano) é vinculada à ideia de centros de empreendimento, saber e progresso" (SARAIVA, 2012, p. 1). Assim, vários campos estão sendo produzidos, mas sempre em oposição à cidade.

Desse modo, as peças do mosaico, aqui disponibilizadas, mostram que os contornos possíveis para se produzir a posição de sujeito do campo, apresentam menos uma convenção e mais uma improvisação inventiva. O mosaico não estará jamais finalizado, contando com a constante contribuição dos discursos para colocar novas peças e reorganizá-las infinitamente.

A ARTE DO MOSAICO: UMA OBRA SEMPRE A FINALIZAR

A tecnologia do mosaico mostrou a fluidez das composições das posições de sujeito por ela disponibilizadas, colocando em funcionamento as técnicas da coletividade e do campesinamento. Cada uma delas acionou táticas e práticas que selecionou, organizou e dispôs peças, que (des)combinadas disponibilizaram marcas, modos de viver e de ser que caracterizavam as posições de sujeito por elas desenhadas. Essas posições mostraram que as combinações das peças podem ser infinitas, atuando isoladamente ou de forma simultânea. Além disso, evidenciaram que não há regras que definam a forma como serão dispostas, nem ao menos, quantas vezes cada peça pode ser utilizada em figuras diferentes, ou ainda, quando podem simplesmente deixar de fazer parte das figuras.

Dessa forma, a tecnologia do mosaico mostra que os sujeitos não têm marcas, contornos e posições previa e definitivamente organizadas. Os tamanhos, cores e formas se unem ou se distanciam definindo contorno de acordo com as demandas dos discursos. A tecnologia do mosaico não cessa suas construções!

As posições de sujeito aqui nomeadas e caracterizadas demandam que o sujeito estabeleça relações consigo mesmo e com os outros, de modo que as pessoas que vivem no campo acabem negociando a sua própria existência. Um processo de criação de si é instituído pela tecnologia do mosaico produzida nos currículos investigados disponibilizando um modo particular de ser Sem Terra, um modo particular de compreender e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, 2000.

ANTUNES-ROCHA, M. I.. Jeca Tatu: uma história de resistência. In: MARTINS, A.A.; TEIXEIRA, I.A.C.; MOLINA, M.C.; BOAS, R.L.V. (Org.). *Outras Terras à Vista: Cinema e Educação do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CANDIOTTO, César. Foucault: uma história crítica da verdade. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, vol.29, n.2, 2006.

Tecnologia do mosaico... - Vândiner Ribeiro e Marlucy Alves Paraíso

CASTELL, Manuel. *Problemas de investigação em sociologia urbana*. Tradução: Lemos de Azevedo. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

FOUCAULT, Michael. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*. Lisboa, n. 19, 1993 (texto digitado).

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria T. da Costa. (1988). Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006..

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980* (excertos de Michael Foucault). Tradução: Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010..

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos e lutas sociais na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1995. Disponível em: <<http://www.agroecologia.inf.br/secoes.php?vidcanal=7>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; 2002.

MST. *Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo*. CNBB - MST - UNICEF - UNESCO - UnB. Luziânia/GO, 27 a 31 de julho de 1998.

MST. *II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo*. Declaração final (versão plenária). Luziânia, GO, 2 a 6 de agosto de 2004.

MST. Dossiê MST escola: documentos e estudos 1990-2001. *Cadernos de Educação*, Veranópolis, RS, n.13. Edição Especial, 2005.

PARAÍSO, Marlucy A. Encontros com novas subjetividades nas experimentações curriculares. *XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, 23-26 de abril, 2006. Recife: UFPE, 2006.

_____. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argus, 2007.

QUEIROZ, Maria. *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

RIBEIRO, Vândiner. Currículo e MST: relações de poder-saber e a produção da "subjetividade lutadora". 2013. 227fl. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMG, Belo Horizonte, MG, 2013.

ROSA, Lucelina R.; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo e cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur M. (Orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Tecnologia do mosaico... - Vândiner Ribeiro e Marlucy Alves Paraíso

SARAIVA, Regina C. Fernandes. *A Modernidade Brasileira e o Rompimento com as Tradições*. Disponível em: <<http://publicacoes.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/599/397>>. Acesso: 15 Jan. 2012.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela C. de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Submetido em Dezembro 2017

Aceito em Fevereiro 2018

Publicado em Maio 2018